Missão, circulação e educação: as Filhas de Maria Auxiliadora entre Itália e Brasil

Julia Rany Campos Freitas Pereira Uzun*

Resumo

O artigo analisa a implantação do projeto missionário das Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX. Sob a perspectiva da História Cultural, examina a circulação transnacional de religiosas, práticas educativas e modelos institucionais entre Itália, Uruguai e Brasil. A investigação utiliza os conceitos de estratégia, tática, territorialização e ortoprática para interpretar esse processo. Demonstra-se que a expansão salesiana esteve relacionada à centralização da autoridade romana, à secularização italiana e à assistência religiosa aos emigrantes. No Brasil, o ultramontanismo, a romanização da Igreja e as demandas educacionais favoreceram a instalação das instituições salesianas. A chegada das religiosas em 1892, após a experiência no Uruguai, evidencia uma trajetória missionária marcada pela mobilidade e pela mediação intercultural. As fontes revelam dificuldades linguísticas e culturais, negociações com elites locais, fiscalização estatal e adaptações às condições dos territórios de atuação. Escolas, orfanatos e obras assistenciais articularam evangelização, educação feminina, formação de professoras e intervenção social. O Colégio de Santa Inês, em São Paulo, exemplifica a consolidação da congregação mediante o reconhecimento público e a estruturação administrativa de sua obra educativa. Conclui-se que o projeto salesiano foi territorializado no Brasil por meio de redes transnacionais, negociações locais e apropriações culturais marcadas por assimetrias.

Palavras-chave: Filhas de Maria Auxiliadora; missão católica; educação feminina; transnacionalidade.

* Julia Rany Campos Freitas Pereira Uzun é mestra e doutora em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou estágio de pós-doutorado na Cátedra Alfredo Bosi de Educação Básica do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Atualmente, é professora de História na rede municipal de Campinas – SP, membro do Centro de Estudos em História Cultural das Religiões (CEHIR), do Laboratório de Antropologia das Religiões (LAR – Unicamp), do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE – Usp) e do Laboratório de Estudos em História das Religiões (LEHR – UPE). Contato: professorajuliahistoria@yahoo.com.br.

Introdução

A expansão missionária católica entre o final do século XIX e o início do século XX constituiu um movimento de circulação de pessoas, práticas, modelos religiosos e projetos institucionais que ultrapassou os limites territoriais europeus. É nesse contexto que buscamos compreender a implantação do projeto religioso salesiano no Brasil, considerando a missão não apenas como ação evangelizadora, mas como parte de uma reorganização mais ampla da presença católica, marcada por relações entre religião, política, educação e intervenção social. Jesudas M. Athyal chamou atenção para a incorporação de atores e perspectivas para além dos grupos europeus na história das missões, enquanto Lamin Sanneh destacou a importância do encontro intercultural para sua compreensão[1].

A atividade missionária esteve vinculada a processos históricos de universalização do cristianismo e às fronteiras territoriais e culturais nas quais se desenvolveu. Nicola Gasbarro chamou atenção para o caráter prático dessa universalização, enquanto Paula Montero destacou a dimensão geopolítica das missões[2]. As narrativas missionárias organizavam percepções sobre os grupos encontrados, construíam identidades e alteridades e mobilizavam valores associados à ciência, ao progresso e à civilização. Por isso, como indicou Eliane Moura da Silva, precisam ser compreendidas simultaneamente como estratégias de dominação, práticas de tradução e formas de comunicação entre culturas[3].

Sob a perspectiva da História Cultural, nosso interesse concentra-se nas táticas e estratégias empregadas na implantação do projeto salesiano no Brasil. Retomamos a distinção de Michel de Certeau entre estratégias capazes de produzir e organizar lugares e táticas que operam a partir das possibilidades encontradas nesses espaços[4]. Ao mesmo

---

[1] ATHYAL, Jesudas M. **Identidade Cristã e Missão em Sociedades Pluralistas:** Uma perspectiva do Sul. Disponível em: https://sitecehir.webnode.com/l/identidade-crista-e-missao-em-sociedades-pluralistas-uma-perspectiva-do-sul. Acesso em 02 set. 2026; SANNEH, Lamin. **Encountering the West:** Christianity and the Global Cultural Process: The African Dimension. Maryknoll: Orbis Books, 1993, p. 51.

[2] MONTERO, Paula. **Selvagens, civilizados, autênticos:** a produção das diferenças nas etnografias salesianas (1920-1970). São Paulo: Edusp, 2012, p. 53; GASBARRO, Nicola. "Missões: a civilização cristã em ação". In: MONTERO, Paula (org.). **Deus na Aldeia:** missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006, p. 60.

[3] SILVA, Eliane Moura. "Viajantes e Missionárias Protestantes Norte-Americanas: narrativas e alteridades na segunda metade do século XIX". In: DIETRICH, Ana Maria et al. **Viajantes, missionários e imigrantes:** olhares sobre o Brasil. Campinas: Unicamp, 2013, pp. 42-43.

[4] CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 92.

tempo, seguindo a orientação da Escola Italiana das Religiões, compreendemos as missões como um movimento no qual práticas religiosas foram criadas e recriadas como ortopráticas[5]. Essa abordagem permite observar o projeto salesiano para além de suas formulações doutrinárias e acompanhar sua concretização em escolas, orfanatos, hospitais, casas de repouso e associações beneficentes.

As Filhas de Maria Auxiliadora oferecem um ponto privilegiado para observar esse processo. Sua trajetória, da Itália ao Uruguai e ao Brasil, permite acompanhar a circulação de pessoas e modelos educativos, bem como as estratégias de apropriação cultural e pedagógica desenvolvidas nos espaços de atuação. A partir de Rebecca Rogers, interessa-nos pensar essa mobilidade também como uma história transnacional das mulheres[6]. O material documental registra dificuldades relacionadas à língua, ao clima, aos costumes locais, à presença protestante e às negociações necessárias para sustentar as obras. A questão que orienta o capítulo é, portanto, como um projeto religioso formado no contexto europeu pôde circular pela América e encontrar condições para sua implantação, ao mesmo tempo em que precisou negociar sua presença em contextos distintos.

Da missão universal à mobilidade religiosa no Oitocentos

A expansão missionária do século XIX inscreveu-se em uma história mais longa de universalização do cristianismo. Entre os séculos XVI e XVIII, esteve particularmente vinculada aos impérios católicos ibéricos e ao regime do padroado. Para Gasbarro, essa universalidade foi historicamente construída por instituições, práticas e agentes que procuraram ampliar os espaços da cristandade[7]. A missão pode, assim, ser compreendida como atividade de fronteira, territorial e cultural, na qual identidades e alteridades eram produzidas a partir dos referenciais dos próprios missionários.

---

[5] GASBARRO, Nicola. "A modernidade ocidental e a generalização de 'religião' e 'civilização': o agir comunicativo das missões". In: SILVA, Eliane Moura da; ALMEIDA, Néri de Barros (orgs.). *Missão e pregação: a comunicação religiosa entre a História da Igreja e a História das Religiões*. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2014, p. 190.

[6] ROGERS, Rebecca. "Congregações femininas e difusão de um modelo escolar: uma história transnacional". **Pro-Posições**, v. 25, n. 1 (73), jan.-abr. 2014, pp. 58, 63; ROGERS, Rebecca. "Questioning national models: the history of women teachers in comparative perspective". **International Federation for Research in Women's History Conference**. Sydney, julho de 2005. Disponível em: http://www.historians.ie/women/rogers.pdf . Acesso em: 09 out. 2026.

[7] GASBARRO, Nicola. "Missões: a civilização cristã em ação". Op. cit., p. 60.

A dimensão assimétrica desse encontro não elimina sua complexidade. Os agentes religiosos levavam consigo projetos universalizantes e uma matriz europeizante de classificação, mas precisavam estabelecer relações locais e lidar com sociedades culturalmente diversas. Essa dinâmica também se relacionava às formas de organização do poder. As missões tenderam a atuar na regulamentação das relações entre Igreja e Estado, pois sua instalação e permanência dependiam de condições políticas e territoriais que ultrapassavam a esfera estritamente religiosa[8].

Essa questão se tornava particularmente visível no conflito entre o padroado e as pretensões de centralização romana. Desde a criação da Congregação *Propaganda Fide*, em 1622, Roma buscava ampliar sua jurisdição sobre a atividade missionária. No século XIX, o enfraquecimento de mecanismos vinculados ao padroado, a criação de vicariatos apostólicos e a escolha de religiosos ligados às congregações ampliaram as possibilidades de intervenção da Cúria[9]. A centralização, contudo, não eliminava a diversidade local: a incorporação ou rejeição de práticas encontradas nas missões permanecia submetida a negociações e aos limites definidos pela autoridade romana.

Ao longo do Oitocentos, a centralização coincidiu com uma nova expansão das congregações europeias. O protagonismo ibérico perdeu parte de sua centralidade e outras regiões, especialmente a França, impulsionaram novas iniciativas. A mobilidade de ordens e congregações tornava-se parte de uma estratégia de presença internacional da Igreja. O Concílio Vaticano I, realizado entre 1869 e 1870, insere-se nesse contexto de reafirmação da autoridade papal. Para Paula Montero, a atividade missionária oitocentista colocava questões ligadas não apenas ao campo teológico, mas à geopolítica da presença católica[10].

Nas últimas décadas do século, essa orientação adquiriu expressão na diplomacia pontifícia. A carta apostólica *Praeclara Gratulationis Publicae*, publicada por Leão XIII em 1894, apresentava o papa como autoridade capaz de intervir na ordem internacional[11]. A transformação da atividade missionária criou, portanto, um quadro no qual a circulação das congregações podia articular evangelização, reafirmação da autoridade romana e negociação das relações entre Igreja, Estados e sociedades locais.

---

[8] MONTERO, Paula. Op. cit., p. 56; SILVA, Eliane Moura. Op. cit., p. 43.
[9] PROUDHOMME, Claude. **Stratégie missionaire du Saint Siège sous Léon XIII, 1878-1903**. Roma: École Française de Rome, 1994, pp. 27, 30; MONTERO, Paula. Op. cit., p. 59.
[10] MONTERO, Paula. Op. cit., p. 61.
[11] LEÃO XIII, Papa. **Carta apostólica Praeclara Gratulationis Publicae**, 20 jun. 1894. Disponível em: http://catholic.net/op/articles/2229/cat/1198/praeclara-gratulationis-publicae.html. Acesso em 12 out. 2025.

Esse processo ajuda a explicar as condições gerais da expansão salesiana, mas sua orientação para a América do Sul depende também do contexto italiano.

A reorganização da atividade missionária coincidiu, na Península Itálica, com profundas transformações nas relações entre Igreja, Estado e congregações religiosas. A constituição do Reino da Itália atingiu diretamente espaços de atuação e a autonomia das instituições eclesiásticas. Medidas que alcançavam tribunais, propriedades e formas de participação dos religiosos foram acompanhadas por restrições ao funcionamento das congregações; a Lei dos Conventos, de 1854, por exemplo, condicionava sua existência a determinadas atividades[12]. Esse quadro de secularização constituiu o ambiente político e jurídico no qual D. Bosco organizou a Pia Sociedade de São Francisco de Sales.

A condição internacional da Itália também compunha esse cenário. Francis Desmaraut assinalou que, em 1876, o país era visto como o "primo pobre" entre as nações europeias envolvidas na expansão colonizadora. A unificação recente e a posição comparativamente enfraquecida no processo neocolonial contribuíam para tornar as repúblicas sul-americanas um espaço de interesse para congregações missionárias italianas[13]. Esse fator não explica sozinho a expansão salesiana, mas integra as condições que orientavam o olhar para a América.

Outro processo alterava a relação entre a Igreja e a população italiana. A emigração em massa colocou diante das instituições católicas um problema pastoral que ainda não possuía respostas sistemáticas. Gianfausto Rosoli observou que as primeiras iniciativas de assistência aos emigrantes permaneceram durante décadas pontuais e marginais[14]. Na década de 1880, Giovanni Battista Scalabrini passou a enfatizar as consequências materiais e religiosas do deslocamento e, em 1887, fundou os Missionários de São Carlos, destinados à assistência espiritual dos emigrados na América[15].

Foi nesse ambiente que Leão XIII publicou, em 10 de dezembro de 1888, a encíclica *Quam aerumnosa*, dirigida aos bispos do continente americano. O documento

---

[12] DESMARAUT, Francis. **Dom Bosco en son temps:** 1815-1888. Turim: Societé Editrice Internazionale, 1996, p. 425.
[13] IDEM, p. 966.
[14] ROSOLI, Gianfausto. "Chiesa ed emigrati italiani em Brasile: 1880-1940". **Studi Emigrazione**. Roma: Morcelliana, n. 66, 1982, p. 225.
[15] SCALABRINI, Giovanni Battista. **L'emigrazione italiana in America:** osservazioni di Giovanni Battista Scalabrini, Vescovo di Piacenza. Piacenza: dell'Amico del Popolo, 1887, p. 202; SANI, Roberto. "Entre as exigências pastorais e a preservação da identidade nacional: a Santa Sé e a emigração italiana para o exterior entre o Oitocentos e o Novecentos". **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 51, jan./abr. 2017, pp. 149-151.

destacava as dificuldades dos italianos que emigravam e a insuficiência de assistência sacerdotal, especialmente diante do problema do idioma, indicando o envio e a formação de sacerdotes italianos para esse trabalho[16]. A encíclica permite observar uma incorporação mais direta da assistência aos emigrantes à política da Santa Sé para a América e reforça a articulação entre mobilidade populacional, autoridade romana e expansão religiosa.

A recepção dessas iniciativas não foi homogênea. Correspondência citada por Rosoli registra resistências de setores do episcopado e do clero brasileiro à pastoral dos imigrantes em língua italiana, inclusive em São Paulo, onde havia oposição à ampliação de paróquias italianas e à atuação autônoma de sacerdotes estrangeiros[17]. A expansão religiosa encontrava, portanto, disputas locais sobre autoridade, idioma e organização pastoral.

A experiência salesiana tampouco pode ser explicada apenas pela emigração. A Pia Sociedade de São Francisco de Sales, aprovada por Roma em 1869, não se definia inicialmente como congregação missionária. A expedição enviada à Argentina em 1875, sob o comando de Giovanni Cagliero, recebeu da *Propaganda Fide* e de Pio IX a condição de "missionários apostólicos"[18]. D. Bosco passou a associar a missão à ampliação da obra e à busca por maior autonomia institucional. Desmaraut e Montero relacionam a expansão missionária à possibilidade de fortalecer a projeção da congregação e sua vinculação ao papa e à *Propaganda Fide* diante das pressões italianas[19]. A América do Sul tornou-se, assim, espaço de convergência entre demandas pastorais, condições políticas e estratégias congregacionais.

A expansão salesiana encontrou no Brasil uma conjuntura religiosa e política distinta daquela que havia impulsionado a saída das congregações da Europa. Durante a década de 1880, bispos comprometidos com o ultramontanismo buscaram atrair religiosos capazes de colaborar na formação do clero, na ocupação das paróquias e na expansão da atuação católica. Em 1881, D. Macedo Costa solicitou a D. Bosco o envio de salesianos para o Pará; D. Carlos D'Amour, de Cuiabá, também procurou obter

---

[16] LEÃO XIII, Papa. **Encíclica Quam Aerumnosa**, 10 dez. 1888. Disponível em: http://www.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_10121888_quam-aerumnosa.html . Acesso em: 12 out. 2025.
[17] ROSOLI, Gianfausto. Op. cit., p. 230.
[18] DESMARAUT, Francis. Op. cit., p. 963.
[19] DESMARAUT, Francis. Op. cit., p. 963; MONTERO, Paula. Op. cit., p. 67.

religiosos da congregação[20]. A proximidade de D. Bosco com a Santa Sé tornava os salesianos particularmente adequados ao esforço de reafirmação da disciplina e da autoridade eclesiástica e ao processo de romanização da Igreja no Brasil.

A instalação salesiana, entretanto, não se explica exclusivamente pelas demandas do episcopado. Luís Lasagna participou do reconhecimento das possibilidades de atuação existentes no país. Em 1882, foi recebido por D. Pedro II em Petrópolis e relatou a D. Bosco que o imperador buscara informações sobre a origem da congregação, seus métodos de ensino e educação, a manutenção das obras assistenciais e os resultados obtidos[21]. A carta evidencia que o projeto salesiano podia ser apresentado também por sua dimensão educativa e beneficente.

A primeira experiência se deu com a instalação do Colégio Santa Rosa, em Niterói, seguida pela expansão para outras regiões, particularmente para São Paulo. O percurso das novas casas acompanhou áreas dinamizadas pela economia cafeeira, pelas estradas de ferro e pela presença de imigrantes italianos. A Lei Leôncio de Carvalho, de 1879, ampliara a liberdade para a abertura de escolas, criando condições favoráveis à atuação de iniciativas particulares[22]. O modelo salesiano articulava objetivos religiosos a uma oferta educacional identificada com urbanidade, progresso e civilidade. Paula Montero relaciona o êxito inicial da obra à capacidade de construir alianças apoiadas nos "ares modernos" de seu modelo pedagógico[23].

Com a República, o rompimento do padroado e a proclamação de um Estado laico alteraram formalmente as relações entre poder civil e religioso, sem produzir simples retração das instituições católicas. A insuficiência do quadro de professores e a lenta consolidação das Escolas Normais públicas abriram espaços nos quais congregações religiosas podiam atuar. Paula Leonardi caracteriza essa coexistência como uma espécie de "aliança velada" entre governo e Igreja em determinados campos sociais, especialmente na educação[24].

---

[20] AZZI, Riolando. **A Obra de Dom Bosco no Brasil**. Barbacena: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, v. 1, 2000, p. 69.

[21] Carta do pe. Luís Lasagna a D. João Bosco, de 1882. In: MARCIGAGLIA, Luiz. **Os salesianos no Brasil:** ensaio de crônicas dos primeiros vinte anos da obra de Dom Bosco no Brasil (1883-1900*)*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1955, v. I, p. 18.

[22] SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2009, p. 219.

[23] MONTERO, Paula. Op. cit., p. 91.

[24] LEONARDI, Paula. "Puríssimo Coração: um colégio de elite e sua imagem". **Pró-Posições**, Campinas, v. 15, n. 2 (44), 2004, p. 75.

A reorganização da Igreja acompanhou esse processo. A presença de religiosos estrangeiros e a nomeação de bispos comprometidos com a reforma romana ampliaram a infraestrutura eclesiástica, enquanto a educação feminina se tornava campo importante da atuação congregacional. Diante das dificuldades da instrução pública, abriu-se espaço para congregações estrangeiras na educação das meninas, compreendidas então como responsáveis pela disseminação de valores morais no interior das famílias[25]. É nesse contexto que as Filhas de Maria Auxiliadora assumem centralidade: sua implantação articulou educação feminina, reforma religiosa e as condições da sociedade republicana.

Mulheres em circulação: as Filhas de Maria Auxiliadora entre Itália, Uruguai e Brasil

A trajetória das Filhas de Maria Auxiliadora permite observar, em escala mais próxima, a dimensão transnacional da expansão missionária. Rebecca Rogers propôs compreender as congregações femininas e a difusão de modelos escolares para além dos limites das histórias nacionais[26]. No caso salesiano, essa perspectiva acompanha o deslocamento de mulheres, práticas religiosas, modelos educativos e formas de organização institucional. É nesse sentido que propomos uma "escrita sexuada de uma história transnacional", interessada na circulação de pessoas e modelos educativos entre Itália e Brasil.

Fundadas em 1872, em Mornese, as Filhas de Maria Auxiliadora mantiveram inicialmente estreita dependência em relação à Pia Sociedade de São Francisco de Sales. Documento apresentado à Santa Sé naquele ano definia a Casa de Maria Auxiliadora como "apêndice e dependente da Congregação Salesiana" e estabelecia como sua finalidade realizar entre as meninas pobres aquilo que os salesianos faziam pelos meninos[27]. Essa vinculação ajuda a compreender por que a expansão feminina pela América foi precedida pela presença dos padres salesianos.

---

[25] ROSSI, Michelle Pereira da Silva; INÁCIO FILHO, Geraldo. "As congregações católicas e a disseminação de escolas femininas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba". **Revista Histedbr on line**, Campinas, n. 24, p. 79-92, dez. 2006, p. 84; BEOZZO, José Oscar et al. **História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo**. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 56; MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 33.

[26] ROGERS, Rebecca. "Congregações femininas e difusão de um modelo escolar: uma história transnacional". Op. cit., p. 58.

[27] CERIA, Eugenio. **Annali della Societá Salesiana: dalle orgini alla morte di S. Giovanni Bosco**. Turim: SEI, 1941, v. I, pp. 44, 126.

A rota das primeiras missionárias também impede que o movimento seja reduzido a um deslocamento direto Itália-Brasil. Os primeiros salesianos chegaram à América do Sul em 1875, enquanto as Filhas de Maria Auxiliadora partiram para o Uruguai em 1877[28]. Villa Colón tornou-se um dos núcleos da presença feminina no continente, e a criação da Inspetoria Salesiana do Uruguai e do Brasil, em 1881, antecedeu a existência de uma casa salesiana em território brasileiro.

A escala no Rio de Janeiro, em 1877, registra representações produzidas pelos agentes missionários sobre o novo espaço. As religiosas permaneceram no navio, enquanto integrantes masculinos desembarcaram. Em carta a D. Bosco, Tiago Costamagna descreveu a cidade como um "covil de Satanás", associando-a à irreligião e à imoralidade[29]. A fonte não registra uma experiência direta das religiosas, mas evidencia categorias morais e religiosas mobilizadas por um integrante da expedição e recupera, em situação concreta, o problema da produção de alteridades.

Nos anos seguintes, o Brasil tornou-se objeto de planejamento institucional. Em 1882, Luís Lasagna solicitou a Giovanni Cagliero uma expedição composta por missionárias e padres e indicou qualificações consideradas necessárias às atividades educativas e à direção das comunidades[30]. O projeto foi adiado pela recorrência da febre amarela no Rio de Janeiro e pelo anticongreganismo. Somente em 1892 as Filhas de Maria Auxiliadora chegaram ao Brasil em uma missão de treze religiosas, após a experiência construída no Uruguai.

A primeira casa brasileira foi o Colégio do Carmo, em Guaratinguetá, próximo a Lorena, onde os salesianos já estavam instalados[31]. Parte das irmãs permaneceu em Lorena, enquanto a maior parte seguiu para Guaratinguetá. A presença feminina se apoiava, inicialmente, em estruturas e relações salesianas previamente estabelecidas. Ao mesmo tempo, as orientações gerais para os colégios eram enviadas pela Casa Mater na Itália, e os estabelecimentos brasileiros tomavam como referência o regulamento inicial da congregação, tornando observável a circulação de instrumentos destinados a organizar o cotidiano escolar.

A composição da primeira expedição reforça essa dimensão transnacional. Além de Teresa Rinaldi, italiana escolhida para liderar a missão, o grupo reunia

---

[28] **Cronistoria**. Turim: Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice, 1976, v. II, p. 276.
[29] Carta do padre Tiago Costamagna a Dom Bosco, 8 dez. 1877. **Bolletino Salesiano**. Turim: Direzione nell'Oratorio Salesiano, 1878, ano II, março, pp. 14-15.
[30] AZZI, Riolando. "As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil". In: AZZI, Riolando; BEOZZO, José Oscar (orgs.). **Os religiosos no Brasil:** enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1986, pp. 50-51.
[31] MARCIGAGLIA, Luiz. Op. cit., v. I, pp. 49, 54.

religiosas de diferentes origens, entre elas Anna do Couto, nascida no Rio de Janeiro e formada no Instituto em Villa Colón[32]. Ao retornar ao Brasil, Anna era a única integrante do grupo que falava português e tornou-se professora de primeiras letras no Colégio do Carmo[33]. Sua trajetória evidencia uma forma concreta de mediação linguística e cultural.

As crônicas e correspondências da primeira geração registram dificuldades com língua, clima, costumes, crescimento de grupos protestantes e relações com elites locais na busca por recursos. A presença de um projeto comum não apagava a distância cultural nem garantia incorporação imediata à sociedade brasileira. A implantação reuniu, portanto, circulação e apropriação: pessoas, regulamentos e práticas atravessaram fronteiras, enquanto sua permanência passou a depender das condições encontradas nos novos espaços.

A chegada das Filhas de Maria Auxiliadora inaugurou uma etapa na qual a permanência da congregação passou a depender das condições concretas de instalação. A estratégia inicial privilegiou pequenos centros urbanos do interior, nos quais a tradição católica possuía maior força e o espírito liberal se apresentava de maneira menos intensa. As experiências iniciais mostram, porém, que essas escolhas podiam ser revistas. Em Pindamonhangaba, as condições do orfanato instalado próximo à estação ferroviária contribuíram para o breve encerramento da obra; em Lorena, a presença feminina permaneceu limitada pela proximidade do Colégio do Carmo, em Guaratinguetá[34].

A partir de 1894, a obra ultrapassou o núcleo inicial do Vale do Paraíba. Foi fundado em São Paulo o Asilo Nossa Senhora Auxiliadora, no Ipiranga, e, em 1895, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Araras, que contou com apoio da aristocracia rural local[35]. No mesmo ano, o acidente ferroviário entre Juiz de Fora e Mariano Procópio provocou, entre outras mortes, as de Luís Lasagna e Teresa Rinaldi, atingindo

---

[32] PRECHT, Ir. Alba Avé (org.). **Elas nos precederam**. São Paulo: Inspetoria Santa Catarina de Sena, 1975; ISTITUTO FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE. **Elenco Generale**. Roma: Istituto Figlie de Maria Ausiliatrice, 1910, pp. 43-49; **Cartas de Madre Teresa Rinaldi à Madre Catarina Daghero**, 1892-1899. Arquivo do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa de Barbacena, Caixa Filhas de Maria Auxiliadora, v. I.

[33] **Cartas de Madre Teresa Rinaldi à Madre Catarina Daghero**, 1892-1899. Op. cit.; PRECHT, Alba Avé. Op. cit., pp. 124-127.

[34] **Relatório das Casas Fechadas da Inspetoria Santa Catarina de Sena**, 1892-1992. Arquivo do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa de Barbacena, Caixa Filhas de Maria Auxiliadora, v. II; AZZI, Riolando. "As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil". Op. cit., p. 57.

[35] **Relatório das Casas Fechadas da Inspetoria Santa Catarina de Sena**, 1892-1992. Op. cit.

duas figuras centrais da organização da expansão inicial e interrompendo temporariamente a abertura de novas frentes[36].

O Colégio de Santa Inês, fundado em São Paulo em 1907, constitui caso particularmente significativo da fase de maior estabilidade. Inicialmente, funcionou apenas como externato porque a prefeitura considerava que o imóvel ainda não oferecia condições higiênicas adequadas para receber internas. A *Crônica do Colégio* registra a presença de fiscais do governo e a pressão para que fossem realizadas as obras necessárias[37]. A consolidação de uma escola religiosa envolvia, assim, fiscalização e adequação às condições exigidas pelo poder público.

O Santa Inês evidencia também a amplitude da atuação educativa das religiosas. Em seu primeiro ano, oferecia Jardim da Infância e Curso Elementar exclusivamente para meninas e, aos domingos, recebia mais de quatrocentas meninas da comunidade no Oratório Festivo, com atividades de catecismo[38]. Em 1908, recebeu sua primeira turma de internato e a ereção canônica da Inspetoria Santa Catarina de Sena separou administrativamente a obra brasileira daquela do Uruguai. No ano seguinte, foi criado o Curso Secundário, também destinado à preparação de candidatas à Escola Normal[39].

Em 1927, a Escola Normal Livre anexa ao Colégio recebeu autorização estatal para funcionar por meio da Lei nº 2.269, que equiparava as escolas normais religiosas às públicas. O registro da visita do inspetor Ataliba de Oliveira oferece evidência dessa relação entre instituição confessional e poder público: o inspetor afirmou que a escola correspondia aos "intuitos do Governo do Estado" e que dali sairiam "verdadeiras educadoras da infância"[40]. O documento permite observar a convergência, naquele registro, entre uma instituição feminina católica e expectativas atribuídas ao governo estadual sobre a formação de mulheres para a educação.

A expansão posterior combinou escolas e obras assistenciais em diferentes localidades. Mais do que a multiplicação de casas, interessa observar que a consolidação foi construída pela escolha e revisão de territórios, pelo apoio de atores locais, pela combinação entre educação e assistência, pela formação de uma estrutura administrativa

---

[36] LIMA JR., Augusto de. **A santa salesiana Maria Domingas Mazzarello**. Leme: BH Editora, 1971, p. 60.
[37] **Livro de Crônica do Colégio de Santa Inês**, 1907-1920. Anotação de 01/03/1907 realizada pela Ir. Giacoma Cleofe, diretora da instituição.
[38] IDEM.
[39] IDEM. Anotação de 02/01/1913 realizada pela Ir. Maria Pancheri, diretora da instituição.
[40] **Livro de Registro interno do Colégio de Santa Inês. Histórico da Escola Normal.** 1930, p. 28.

própria e pela inserção das instituições em relações de fiscalização e reconhecimento público. O projeto salesiano chegara ao Brasil por redes transnacionais, mas sua permanência exigiu negociações com as condições dos espaços de atuação.

Considerações finais

A implantação do projeto salesiano no Brasil integra as transformações que atravessaram a atividade missionária católica entre o final do século XIX e o início do XX. A centralização da autoridade romana, a mobilidade das congregações e as relações entre Igreja, Estados e sociedades criaram um quadro no qual evangelização, assistência, educação e expansão institucional passaram a operar de maneira articulada.

Na Itália, secularização e emigração ampliaram as questões enfrentadas pela Igreja e por suas instituições. A assistência religiosa aos emigrantes integrou progressivamente a atuação da Santa Sé, enquanto a obra de D. Bosco encontrou na América possibilidades de expansão e de fortalecimento de sua autonomia institucional. No Brasil, a reforma ultramontana, a romanização da Igreja, as transformações das relações entre Igreja e Estado e as demandas educacionais criaram condições próprias para a implantação, sem produzir uma recepção uniforme ou isenta de tensões.

A experiência das Filhas de Maria Auxiliadora torna especialmente visível a dimensão transnacional desse processo. A chegada ao Brasil em 1892 foi precedida pela experiência uruguaia e envolveu mulheres com diferentes origens e percursos. Regulamentos, práticas educativas e formas de organização continuaram vinculados à Itália, enquanto dificuldades linguísticas e culturais, relações com atores locais e condições diversas de implantação exigiram mediações.

A passagem da mobilidade para a permanência envolveu escolhas territoriais, redes de apoio, atividades educativas e assistenciais, experiências malsucedidas, fiscalização pública e formação de estruturas administrativas próprias. O Colégio de Santa Inês concentra parte dessas relações ao reunir educação feminina, formação de professoras, ação religiosa e reconhecimento público.

A expansão das Filhas de Maria Auxiliadora ganha, assim, um sentido que ultrapassa a multiplicação de casas. Pessoas, práticas e modelos circularam entre Itália, Uruguai e Brasil, mas adquiriram estabilidade no encontro com condições locais específicas. A expansão religiosa aparece como uma trama de relações marcada por

assimetrias, permanências e apropriações, por meio da qual o projeto missionário salesiano foi territorializado e institucionalizado no Brasil.

Fontes

Cartas de Madre Teresa Rinaldi à Madre Catarina Daghero, 1892-1899. Arquivo do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa de Barbacena. Caixa Filhas de Maria Auxiliadora, v. I.

COSTAMAGNA, Tiago. Carta a Dom Bosco, 8 dez. 1877. **Bolletino Salesiano.** Turim: Direzione nell'Oratorio Salesiano, 1878, ano II, março, pp. 14-15.

Cronistoria. Turim: Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice, 1976, v. II.

ISTITUTO FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE. **Elenco Generale**. Roma: Istituto Figlie de Maria Ausiliatrice, 1910.

LEÃO XIII, Papa. **Carta apostólica Praeclara Gratulationis Publicae**, 20 jun. 1894. Disponível em: http://catholic.net/op/articles/2229/cat/1198/praeclara-gratulationis-publicae.html. Acesso em 12 out. 2025.

LEÃO XIII, Papa. **Encíclica Quam Aerumnosa**, 10 dez. 1888. Disponível em: http://www.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_10121888_quam-aerumnosa.html. Acesso em 12 out. 2025.

Livro de Crônica do Colégio de Santa Inês. 1907-1920.

Livro de Registro interno do Colégio de Santa Inês. Histórico da Escola Normal. 1930.

Relatório das Casas Fechadas da Inspetoria Santa Catarina de Sena, 1892-1992. Arquivo do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa de Barbacena. Caixa Filhas de Maria Auxiliadora, v. II.

SCALABRINI, Giovanni Battista. **L'emigrazione italiana in America:** osservazioni di Giovanni Battista Scalabrini, Vescovo di Piacenza. Piacenza: dell'Amico del Popolo, 1887.

Referências

ATHYAL, Jesudas M. **Identidade Cristã e Missão em Sociedades Pluralistas: Uma perspectiva do Sul**. Disponível em: https://sitecehir.webnode.com/l/identidade-crista-e-missao-em-sociedades-pluralistas-uma-perspectiva-do-sul . Acesso em 02 set. 2026.

AZZI, Riolando. **A Obra de Dom Bosco no Brasil**. Barbacena: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, v. 1, 2000.

_____. "As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil". In: AZZI, Riolando; BEOZZO, José Oscar (orgs.). **Os religiosos no Brasil:** enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1986.

BEOZZO, José Oscar et al. **História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo.** Petrópolis: Vozes, 1980.

CERIA, Eugenio. **Annali della Societá Salesiana:** dalle orgini alla morte di S. Giovanni Bosco. Turim: SEI, 1941, v. I.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2007.

DESMARAUT, Francis. **Dom Bosco en son temps:** 1815-1888. Turim: Societé Editrice Internazionale, 1996.

GASBARRO, Nicola. "A modernidade ocidental e a generalização de 'religião' e 'civilização': o agir comunicativo das missões". In: SILVA, Eliane Moura da; ALMEIDA, Néri de Barros (orgs.). **Missão e pregação:** a comunicação religiosa entre a História da Igreja e a História das Religiões. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2014.

_____. "Missões: a civilização cristã em ação". In: MONTERO, Paula (org.). **Deus na Aldeia:** missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.

LEONARDI, Paula. "Puríssimo Coração: um colégio de elite e sua imagem". **Pró-Posições**, Campinas, v. 15, n. 2 (44), 2004.

LIMA JR., Augusto de. **A santa salesiana Maria Domingas Mazzarello**. Leme: BH Editora, 1971.

MARCIGAGLIA, Luiz. **Os salesianos no Brasil:** ensaio de crônicas dos primeiros vinte anos da obra de Dom Bosco no Brasil (1883-1900). São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1955, v. I.

MICELI, Sérgio. ***A elite eclesiástica brasileira***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MONTERO, Paula. **Selvagens, civilizados, autênticos:** a produção das diferenças nas etnografias salesianas (1920-1970). São Paulo: Edusp, 2012.

PRECHT, Ir. Alba Avé (org.). **Elas nos precederam**. São Paulo: Inspetoria Santa Catarina de Sena, 1975.

PROUDHOMME, Claude. **Stratégie missionaire du Saint Siège sous Léon XIII, 1878-1903**. Roma: École Française de Rome, 1994.

ROGERS, Rebecca. "Congregações femininas e difusão de um modelo escolar: uma história transnacional". **Pro-Posições**, v. 25, n. 1 (73), jan.-abr. 2014.

_____. "Questioning national models: the history of women teachers in comparative perspective". **International Federation for Research in Women's History Conference**. Sydney, julho de 2005. Disponível em: http://www.historians.ie/women/rogers.pdf. Acesso em: 09 out. 2026.

ROSOLI, Gianfausto. "Chiesa ed emigrati italiani em Brasile: 1880-1940". **Studi Emigrazione**. Roma: Morcelliana, n. 66, 1982.

ROSSI, Michelle Pereira da Silva; INÁCIO FILHO, Geraldo. "As congregações católicas e a disseminação de escolas femininas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba". **Revista Histedbr on line**, Campinas, n. 24, p. 79-92, dez. 2006.

SANI, Roberto. "Entre as exigências pastorais e a preservação da identidade nacional: a Santa Sé e a emigração italiana para o exterior entre o Oitocentos e o Novecentos". **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 51, jan./abr. 2017.

SANNEH, Lamin. **Encountering the West: Christianity and the Global Cultural Process:** The African Dimension. Maryknoll: Orbis Books, 1993.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2009.

SILVA, Eliane Moura. "Viajantes e Missionárias Protestantes Norte-Americanas: narrativas e alteridades na segunda metade do século XIX". In: DIETRICH, Ana Maria et al. **Viajantes, missionários e imigrantes:** olhares sobre o Brasil. Campinas: Unicamp, 2013.